

DAS VIOLÊNCIAS DOMÉSTICA AO FEMINICÍDIO: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICA DE MULHERES NEGRAS DO ALTO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS ALAGOINHAS/BA

Ana Pereira da Silva¹

Resumo: A presente pesquisa se trata de um estudo das narrativas de mulheres negras vítimas de violências doméstica no Alto Sagrado Coração de Jesus, comunidade periférica de Alagoinhas-BA. Nessa perspectiva, destacamos a violência que atinge as mulheres, também denominada como violência doméstica ou violência de gênero (Lei 11.340, 07 de agosto de 2006, Lei Maria da Penha). Esse fenômeno está sujeito a determinações de ordem cultural, política, social e, claro, do gênero e da sexualidade. O objetivo deste estudo é investigar e identificar as diversas formas de violências domésticas sofridas por essas mulheres e como elas ocorrem nos processos de subjetivação da feminilidade, analisando quais os motivos que levam a essas violências e os impactos que causam nos modos de vida dessas mulheres. O processo está transcorrendo com pesquisa ao estado da arte onde busca-se estudos sobre o objeto a ser pesquisado, e visitas a delegacia da mulher, e patrulha Maria da Penha e ao ministério público, assim como buscando teóricos para embasar o objeto a ser pesquisado. Os percursos Teórico- metodológico para realização da pesquisa dar-se-á a partir de uma abordagem quanti-qualitativa buscando compreender e relacionar os dados estatísticos sobre violências domésticas aos aspectos que deverão ser identificados e problematizados nas narrativas que serão coletadas e nos seus modos de vida que serão observados na comunidade do Alto sagrado Coração de Jesus. Onde o projeto será submetido ao comitê de ética. Além disso, a pesquisa contemplará uma revisão

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida; Assistente Social. Integrante do grupo de pesquisa NUTOPIA (UNEB). Orientador: Ari Lima. Endereço eletrônico: ana912054@gmail.com.

bibliográfica dos estudos do gênero, das poéticas orais e narrativa biográficas.

Palavras-chave: Violências domésticas. Modos de vida. Mulheres negras.

INTRODUÇÃO

A violência doméstica consiste em qualquer ato com possibilidade de resultar em algum dano a mulher, seja ele de ordem física, sexual, psicológicas, patrimonial ou qualquer tipo de ameaça, coação, cárcere privado, privação de direitos. A violência que atinge as mulheres, também denominada de violência doméstica ou violência de gênero, é um fenômeno complexo com raízes inter-relacionadas às condições biológicas, econômicas, culturais, políticas e sociais.

Dentro da nossa perspectiva de sociedade patriarcal, o homem sempre foi tratado como superior à mulher. Mesmo diante de todos os avanços conseguidos após décadas, mesmo com o avanço das causas sociais feministas, ainda se vê uma sociedade com base em uma educação culturalmente patriarcal. Como afirma, Bell Hooks (2018, p.13), “todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas.”

Em um ensaio realizado com escritoras negras da cidade de Alagoinhas, Moreira (2015), já abordava as mazelas inerentes às ações e políticas públicas para as mulheres, principalmente nesse meio literário e o quão difícil é romper essa cultura patriarcal. Conforme, Pereira e Carneiro (2019, p.15), “não faz sentido pensar em políticas e estratégias de desenvolvimento social sem garantir, em primeiro lugar, o direito fundamental da mulher de viver sem violência, seja ela de qualquer forma ou tipologia: física, sexual, psicológica, institucional”.

Mesmo como todas as medidas protetivas de leis, a violência de gênero e doméstica ainda são crescentes no mudo, e o Brasil ocupa a quinta posição neste ranking. Observa-se que no âmbito da parcela populacional em estado de vulnerabilidade social, os índices de ocorrências de violência doméstica são maiores. O fórum Brasileiro de Segurança Pública apontou que, no ano de 2020, a perda de emprego e a diminuição da renda familiar foi sentida de forma mais intensa entre as mulheres que sofreram violência, o que tornou mais difícil para elas romperem com parceiros abusivos ou relações violentas.

Segundo o fórum brasileiro, entre 2020 e 2021, vimos um acréscimo significativo de 23 mil novas chamadas de emergência para o número 190 (polícia militar), solicitando atendimento para casos de violência doméstica, com variação de 4% de um ano para o outro. O que esse número significa? Ao menos uma pessoa a cada 1 minuto, ligou em 2021, para o 190 denunciando agressões decorrente da violência doméstica. Se, por um lado, o chamado de emergência para casos de violência doméstica aumentou, houve uma queda significativa de 5,3% no total de chamadas 190, por outros motivos, no mesmo período.

Como os policiais estão lidando com as chamadas recebidas em contexto de violência doméstica e como se dá o atendimento às vítimas ainda é uma questão a ser explorada; o que se sabe, contudo, é que mais pessoas têm procurado as instituições policiais em busca de ajuda, o que pode indicar que as mulheres têm sofrido mais violência ou que as pessoas estão menos tolerantes às violências cometidas contra a mulher no âmbito doméstico, já que a ligação para a emergência não precisa ser feita pela vítima, pode ser um vizinho, familiar, amigo.

A cidade de Alagoinhas, no interior da Bahia, não está distante dessa realidade. Crimes de violência doméstica e familiar contra as mulheres superam os crimes de tráfico, furtos e roubos, sendo que cerca de 52,14% dos processos na 2ª vara crime de violência doméstica são qualificados de acordo com a Lei Maria da Penha. Nesse contexto de

vulnerabilidade social, está a Comunidade Alto Sagrado Coração de Jesus, localizada no município de Alagoinhas-BA, uma comunidade periférica, no bairro Mangalô, que ocupa o primeiro lugar em violência doméstica composta em sua maior parcela por pessoas negras.

Como assevera Ângela Carla de Farias (2020), o perfil da grande maioria das vítimas de feminicídio em Alagoinhas nos leva a observar que são mulheres negras, jovens, em idade produtiva, com baixa escolaridade, e inserção no mercado de trabalho, moradoras de bairros periféricos, vivendo em união estável, que têm entre 1 e 3 filhos, em média, já vinham sofrendo agressões anteriormente e não tiveram acesso à Rede de Proteção e Enfrentamento a Violência Doméstica contra a Mulher do Município, encontrando-se em situação muito vulnerável socioeconomicamente, encontramos 66,6% de feminicídios que se enquadram neste grupo.

O perfil apontado encontra consonância direta com as características das mulheres que buscam o CRAM (Centro de Deferência de Atendimento à Mulher) ligado à SEMAS (Secretaria de Assistência Social), a que tive acesso, como discutido no tópico específico desta política pública: mulheres pobres, jovens, vivendo em união estável com mais de três anos de relacionamento, negras, com baixa escolaridade, periféricas, sem trabalho formal, que já tinham sofrido mais de uma agressão e buscaram o órgão por medo de morrer.

Nesse sentido, essa pesquisa é de suma importância, pois abordará através das narrativas autobiográficas de vítimas de violência doméstica, mulheres na cidade de Alagoinhas Ba. Sendo assim, a linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida, contribuirá circunstancialmente para entender o impacto para os modos de vida daquelas mulheres em estado de vulnerabilidade e risco social.

DESENVOLVIMENTO

Ao iniciar este estudo tinha como eixo as narrativas autobiográficas da violência doméstica ao feminicídio das mulheres negras do alto Sagrado Coração de Jesus. Mas, depois de adentrar ao programa e cursando as disciplinas, em diálogo com o orientador essa ideia foi mudando tomando outro vês. Fazendo um levantamento no estado da arte para entender o que está sendo escrito sobre o objeto a ser pesquisado, assim coletando aportes teórico e bibliográfica desse modo selecionado alguns trabalhos que servirão para embasar essa pesquisa, observasse que esses trabalhos trata da violência que atinge as mulheres em sua maior parte as negras são as mais atingidas, por serem menos favorecidas das políticas públicas, dificuldade de acerar seus direitos e questões sociais, socioeconômico, de genro e raça e por viver as margens.

Diante do já exposto e depois várias discussões com o orientador, mudo, então, o foco da pesquisa, mas não do objeto a ser pesquisado. Tento, realizando leituras e fichamentos sobre o tema, ficando claro que as mulheres negras são, em suma, as mais agredidas, diante de tais contestações é que o foco foi mudado, pois não só as mulheres negras são vítimas das violências mais, também as mulheres brancas de classe elevada sofrem violência doméstica. Fazendo uma leitura no anuário brasileiro da violência de julho/agosto de 2022, foi percebido que mulheres brancas e com escolaridades elevada e com cargos distintos também são acometidas de violência doméstica.

Diante das observações e aprofundamento nas leituras o objeto de pesquisa passou por mudanças, delineando um olhar para as narrativas autobiográfica de mulheres vítimas das violências doméstica e testemunha de feminicídio na cidade de Alagoinhas-Ba, e não mais na comunidade do Alto Sagrado Coração de Jesus.

É através dessas narrativas coletadas que passaremos a compreender quando essas mulheres tomaram consciência que estavam vivendo algum tipo de violência doméstica além das narrativas das

mulheres, também será realizada coleta de dados biográficos dos seguintes órgãos, Delegacia da Mulher, Patrulha Maria da Penha Ministério Público e do Centro de Referência de Atendimento à Mulher, Alagoinhas -BA.

A violência doméstica consiste em qualquer ato com possibilidade de resultar em algum dano a mulher, seja ele de ordem física, sexual, psicológicas, patrimonial ou qualquer tipo de ameaça, coação, cárcere privado, privação de direitos. A violência que atinge as mulheres, também denominada de violência doméstica ou violência de gênero, é um fenômeno complexo com raízes inter-relacionadas às condições biológicas, econômicas, culturais, políticas e sociais.

Dentro da nossa perspectiva de sociedade patriarcal, o homem sempre foi tratado como superior à mulher. Mesmo diante de todos os avanços conseguidos após décadas, mesmo com o avanço das causas sociais feministas, ainda se vê uma sociedade com base em uma educação culturalmente patriarcal. Como afirma Bell Hooks (2018, p.13) “todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas.”

Em um ensaio realizado com escritoras negras da cidade de Alagoinhas, Moreira (2015) já abordava as mazelas inerentes às ações e políticas públicas para as mulheres, principalmente nesse meio literário e o quão difícil é romper essa cultura patriarcal. Conforme, Pereira e Carneiro (2019, p.15), “não faz sentido pensar em políticas e estratégias de desenvolvimento social sem garantir, em primeiro lugar, o direito fundamental da mulher de viver sem violência, seja ela de qualquer forma ou tipologia: física, sexual, psicológica, institucional”.

Para compreendermos melhor acerca da violência doméstica no Brasil voltaremos um pouco na história. Foi na década de 70, com o surgimento dos movimentos feministas, que nasceu o 1º abrigo para as mulheres vítimas de violência doméstica, e a partir da década de 90 a

violência de gênero começou a se destacar ganhando espaço e visibilidade, expressão essa que vem se destacando e definindo como ocorrência da violência no âmbito doméstico e diz respeito aos conflitos familiares perpetrado pelas relações de gênero, ou seja, tanto a violência doméstica com de gênero é apresentada pela desigualdade existente entre as classes.

É a partir dos esforços empenhado de muitas mulheres que isso pode acontecer, foi na busca de sua sobrevivência contra a seus companheiros, foi no bojo do movimento feminista das mulheres que as vítimas da violência doméstica ganham visibilidade, evolui e contribuiu para o aumento dos números de abrigo que acolhe mulheres em situação de risco, e, assim, fortalecendo a luta por mudança na legislação.

Mais recente, os casos de violência doméstica envolvendo mulheres têm chamado a atenção dos meios de comunicação e do público em geral, trazendo dados e estatísticas de homicídio de mulheres (Socorro Alves da Silva, Recife PE, 2010). É após as três ondas do feminismo que as mulheres buscaram dizer não a toda ordem do discurso patriarcal, dando a mulher um lugar secundário e, nesse sentido, pode-se dizer que de modo geral os movimentos alcançaram grande êxito modificando consideravelmente as relações.

Hoje as mulheres desempenhando um papel deste na sociedade atual, assim, um número cada vez maior de mulheres ocupa uma fatia importante no mercado de trabalho chegando a alcançar posições de destaque na sociedade, elas alcançam posições que em outras época não eram permitida à mulher, tornando em determinado momento responsável pela sua sexualidade podendo, inclusive, optar ter filhos ou não, além disso, a maior parte das mulheres de hoje se pergunta o que querem fazer da vida e não mais se permite cumpri o destino que lhe foi dado pelo simples fato de ser e ter nascido mulher.

O século 2021 teve uma arrancada decisiva para as mulheres ocuparem espaços públicos, adentrarem as faculdades e várias formas de

conquista de espaço, seja no âmbito educacional, e nas inscrições nas universidades, a trabalhos qualificados, é na família que vem sofrendo inúmeras mudanças em sua configuração e suas conquistas no mundo público o perfil da mulher dentro da família modificou-se, reformulando-se assim sua situação histórica sedimentada por vários milênios.

Mesmo com todas as conquistas e todos os avanços esse discurso de igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres na sociedade dita moderna em virtude de papéis sociais e diferenças biológica, essa realidade persiste em diminuir o papel da mulher que é colocada como a subalterna, mesmo exercendo os mesmos cargos dos homens, recebem o salário inferior com a mesma jornada de trabalho, em muitos casos essa jornada são duplicada e muitas vezes triplicadas colocando a mulher ainda no papel de responsável pela casa e pelos filhos.

Embora esse campo de problematização tenha sido objeto de inúmeras pesquisas, acredita-se que não é demais lembrá-lo, sobretudo, porque a visibilidade deste fenômeno pode levar a falsa impressão de que se sabe muito ou tudo sobre a violência doméstica e de gênero. Quando nos deparamos diante de um cenário com a realidade da violência doméstica vivida pelas mulheres de diversas classes sociais, é que surgem inquietações acerca da vida dessas mulheres que sofrem algum tipo de violência doméstica.

É diante de tal realidade que buscamos neste estudo, através da narrativa vivida por essas mulheres, procurar ter a compreensão dos motivos que levaram essas mulheres a permanecerem nessa situação, e o que impede essas mulheres de sair da violência dita e de todas as formas de subalternidade e assim se submetendo a viver essa violência é uma escolha? A mulher agredida necessariamente é apenas vítima?

Tendo essas questões como norteadora, propõe-se nesta pesquisa compreender, através das narrativas, a experiência vivenciada

por essas mulheres que sofre algum tipo de violência doméstica, através da coleta de dados identificar os tipos de violência a que estão submetidas. Também entender a partir das suas narrativas em que momento essas mulheres se perceberam dentro da violência e a compreensão de estar vivendo algum tipo violência.

De acordo com o Centro de Referência de Atendimento à Mulher, de Alagoinhas -BA, apontam-nos os relatos de muitas mulheres que são espancadas e recebem inúmeras orientações para mudar o seu comportamento na esperança de resolver o problema vivenciado, o que não acontece mudanças nos membros das famílias, não leva ao agressor a ser menos violento pois a violência doméstica não é usualmente um evento isolado que não é único, uma vez que a violência começa a ter outra ocorrência com maior ou menor frequência.

O que elas esperam na verdade é que os seus parceiros, os ditos agressores, possam mudar realmente seus comprometermos, mas isso não acontece, tornando difícil deixar o lar, e na tentativa de reconstruir e manter a família vão permanecer nessas relações abusiva e violenta, exatamente por vergonha de fazer outra denúncia e também medo da exposição, temendo pela sua segurança pessoal e dos seus filhos.

Para Pinto e Amazonas (2006), o modelo de mulher submissa e subserviente passa ser questionado com as transformações sociais ocorrido nos últimos tempos porque possui a necessidade da mão-de-obra feminina, principalmente após a participação dos homens na segunda guerra mundial, desse modo a mulher passa a ganhar visibilidade social que repercute sobre a sua subjetividade e a sua ressignificação enquanto sua identidade. Assim definir a mulher atual seria pressioná-la mais uma vez ao modelo e a um conceito a mulher do mesmo modo que o homem é ser de inúmeros possibilidades (Pinto e Amazonas, 2006, p. 34).

Para essas autoras, a mulher passa a ter inúmeras reponsabilidades e dessa forma tornando aprisionada ao antigo modelo

tradicional feminino. Quando passamos a observar, vemos que a cultura é um dos grandes agentes manipulador do fator biológico que traça linha divergente entre o sexo forte assim sobrepondo o mais fraco contra o mais forte, enquanto usa a mesma cultural para mascarar e neutralizar estas ações tornando a mulher subordinada a dependência do homem para se desenvolver ficando sem muitos horizontes e com isso ao processo de redução do seu eu, passando a sujeitar-se a condição de coisas geradoras de violência. Socorro Alves da Silva, (A Dor de Um Dose Lar Narrativas da Violência Doméstica, Recife-PE,2010).

Para entendermos como o cenário vem se desenvolvendo nos últimos tempos veremos como surgiu o conceito de gênero e violência de gênero, para isso vejamos o que diz, Saffioti, (2005), o conceito de gênero surgiu no final da década de 80 início dos anos 90 com os movimentos feministas, para questionar o caráter natural dado as relações desiguais entre os sexos, a partir da percepção que não são as características sexuais que determina o modo de ser e de agir das pessoas.

Na história das mulheres, em certa medida, ainda é uma história do oculto, do não-lugar, do indizível. Isso ocorre devido às relações de poder que dominam, subordinam, produzem desigualdades, desequilibram o chão da convivência social. Essas relações de poder estão presentes em todos os atos do dia a dia e produzem histórias de exclusão com nomes e rostos. Contudo, nas últimas décadas, a história das mulheres tem visibilizado as relações de poder e saber hegemônicas determinantes das políticas de gênero e sexualidade na historiografia ainda marcada pela opacidade, ocultação e encobrimento do protagonismo desses sujeitos.

Ao visibilizar as relações de poder hegemônicas na historiografia, a história das mulheres negras potencializa a construção de uma história outra, narrada na perspectiva das mulheres. Um grande desafio

epistemológico, uma demanda profunda de nosso tempo. Os antigos esquemas patriarcais-coloniais que estruturavam as relações entre os gêneros–relações estruturais de poder, ainda marcam a desigualdade entre os gêneros.

Na relação hierárquica entre os gêneros, os homens gozam de uma posição preferencial sobre as mulheres nos espaços públicos e privados. Mesmo diante das transformações nas relações entre os gêneros produzidas pelos feminismos, que têm em seu bojo algo potente e irruptivo, essa história marcada por relações hierárquicas que privilegiam os homens, ainda não foi superada. Nesse sentido, o conceito de devir-mulher, elaborado por Deleuze e Guattari (2012), é uma ferramenta possível de desconstrução da narrativa hegemônica, colonial e patriarcal.

Ao trazermos o devir-mulher, conceito que atravessa o pensamento dos filósofos franceses, para o campo historiográfico, a intenção não é buscar uma categoria que se coloque como princípio explicativo da subalternidade feminina na história. A nossa tentativa é mostrar que a história das mulheres, até então esquecida, apagada, silenciada, não diz respeito somente ao cuidar da casa dos filhos; vai muito além disso.

Nesse sentido, esta pesquisa é de suma importância, pois abordará através das narrativas autobiográficas de vítimas de violência doméstica, mulheres da cidade de Alagoinhas-Ba. Sendo assim, a linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida, contribuirá circunstancialmente para entender o impacto para os modos de vida dessas mulheres em estado de vulnerabilidade e risco social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exclusão de oportunidades educacionais e profissionais acaba por legitimar a violência sexual e doméstica sofrida por mulheres. Para

Bianchini (2018, p. 30), a violência doméstica contra a mulher “constitui uma questão arraigada, normalizada, estrutural e cultural, seu enfrentamento exige mudanças sociais, alterações de forma de pensar, de agir e de reagir frente ao fenômeno”. Tais mudanças compreendem, portanto, ações educativas nas diversas esferas, uma verdadeira luta por transformações sociais profundas.

Diante do exposto, buscaremos a compreensão por meio das narrativas quais os impactos causados no modo de vida dessas mulheres vítimas de violência doméstica e testemunha de feminicídio enunciados nas narrativas autobiográficas coletadas na cidade de Alagoinhas-Ba.

Para Costa (2015, p.14) “narrar é um ato coletivo, precisa do estar com o outro, da presença e do contato, ainda que virtual e mediatizado pelo aparato tecnológico disponível” as narrativas dessas mulheres fornecerão uma importante contribuição à investigação, na medida em que possibilitará, com o desenrolar da mesma, uma diversidade de informações relativas às histórias dessas pessoas, essas mesmas informações podem provocar mudanças na forma como cada indivíduo se compreende a si próprio e todo o processo sofrido por elas.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2021. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Ano 13, 2019. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v6-bx.pdf>>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES CONTRA A VIOLÊNCIA (AMCV). Disponível em: <<http://www.amcv.org.pt/pt/amcv-mulheres>>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

BIANCHINI, Alice; BAZZO, Mariana; CHAKIAN, Sílvia. *Crimes contra mulheres: Lei Maria da Penha, Crimes Sexuais e Feminicídio*. 4ª edição. São Paulo: Juspodivm, 2022.

BRASIL. Lei 13.104 de 2015. Lei do Feminicídio. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acesso em 14 de Julho de 2022.

BRASIL. Lei 11.340 de 2006. Lei Maria da Penha. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acesso em 23 de agosto de 2022.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias de sujeição*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

COSTA, Edil Silva. Narrativas orais na contemporaneidade: conexões e fissuras. *Sentidos da Cultura*, v. 2, n. 2, p. 5-21, jan.-jun. 2015. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/sentidos/article/view/581>>. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1/ Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS).

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, C. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FARIAS, Ângela. *O Femicídio em Alagoinhas-Bahia (2007-2017)*. Salvador, 2020.

FONSECA, P. M.; LUCAS, T. N. S. Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas. 2006. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em psicologia) – Fundação Baiana para o Desenvolvimento das Ciências.

GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e queixas: mulheres e relações violentas*. Novos Estudos. CEBRAP, nº 23, 1989.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

Lei 11.240/2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 13 de junho de 2022.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 7, n. 13, p. 71-88, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17237/14257>>. Acesso em 18 de outubro de 2021.

PEREIRA, Aurea da Silva. CARNEIRO, Elaine de Araújo. Letramento e empoderamento feminino de mulheres rurais de saquinho. *Revista de comunicação e cultura no semiárido*. Revista Consertões – Juazeiro-BA, v.7, n. 1, julho-dezembro 2019.

PINTO, V.C.; AMZONAS, M.C.L. *Mulher e Família diversos dizeres*. Recife: Oficina do livro 2006, p.27-42.

SAFFIOTI, H. Violência de gênero no Brasil atual. *Estudos Feministas*. N.e/94 (1994).

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Objetos, teorias e métodos num programa crítica cultural, situado no campo linguístico literário, a partir da UNEB*. UNEB: alagoinhas-BA, 2020.

SOCORRO Alves da Silva. *A Dor de Um Dose Lar Narrativas da Violência Doméstica*, Recife-PE, 2010.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROLNIK, S.; GUATTARI, F. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

Um pouco de Filosofia. O Estranho Conceito de um Rizoma I. Deleuze & Guattari. YouTube. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fOYnCY7myDM&t=2s>>. Acessado 26 de setembro de 2022.